

Papa Francisco, *A Igreja da Misericórdia*. Minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014. Organização de Juliano Vignini.

A eleição de Jorge Mario Bergoglio, como papa Francisco, causou uma reviravolta eclesiológica, na história recente da Igreja. Após o Vaticano II, sonhava-se com uma Igreja aberta e renovada como desejava o papa João XVIII. Contudo, desde que João Paulo II, e depois, Bento XVI assumiram como papa, o que se viu foi um retrocesso da Igreja ao eclesiocentrismo institucional marcado pela mão forte da Lei e da Doutrina. Noutras palavras, numa centralização de poder que levou a Igreja a fechasse em si mesma. Porém, assim como o Espírito de Deus sopra aonde quer, com a renúncia de Bento XVI, soprou no Conclave e trouxe para o cenário da Igreja Bergoglio-Francisco.

A metanoia, ou mudança de mentalidade, eclesial proposta por Francisco já estava cravada no brasão do novo papa, a saber: *Miserando atque eligendo* (*Com Misericórdia, o eleveu*). Ali, de modo sutil, demonstrou qual deveria ser a chave de leitura que nortearia seu pontificado. Com o lema da misericórdia, o papa rompia com uma visão de Igreja Institucional, autocrata para abraçar uma a visão de igreja samaritana, servidora e próxima do povo. Francisco ao escolher, como fio condutor de seu pontificado, a Missionariedade, retirou a Igreja de sua zona de conforto, e a levou para um autoquestionamento da sua missão. Foi neste contexto que ele escreveu sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. E, é assim também que entendemos o livro *A Igreja da Misericórdia*, uma coletânea de pronunciamentos do papa Francisco em seu primeiro ano de pontificado. Essas duas obras se complementam, pois os conteúdos versam sobre os mesmos temas. Seu livro tem 121 páginas subdivididas em dez capítulos: 1. A novidade de Cristo; 2. Uma Igreja pobre para os pobres; 3. Em sintonia com o Espírito; 4. O anúncio e o testemunho; 5. Cristãos o tempo todo; 6. Pastores com cheiro de ovelhas; 7. A escolha dos últimos; 8. Demolir os ídolos; 9. A cultura do bem; 10. Maria, mãe da evangelização. Temas estes que já haviam sido tratados na referida Exortação Apostólica, mas que ao serem retomados, poderiam ser assimilados.

A Igreja sonhada por Francisco, sob o viés missionário e misericordioso, nasce a partir do encontro com Deus. Desse

encontro com a *Missio Dei*, portanto, resulta seu mandato missionário. Em outras palavras: *Evangelizar é a missão da Igreja* (p. 66). Anunciar o Reino de Deus para todos, principalmente, para os mais pobres. Francisco sonha com uma Igreja pobre para os pobres, despojada, aberta, acolhedora, que sai de si e vai ao encontro dos últimos, não para fazer proselitismo, mas para fazer a experiência da ternura de Deus que se comparece com a dor do outro. Francisco sonha uma Igreja encarnada na vida do povo, enlameada, envolvida sociedade com rosto profético e voz profética que anuncia a Palavra de Deus sim, mas que denuncia as injustiças sociais. A saber: *Para toda a Igreja é importante que ao acolhimento do pobre e a promoção da justiça não sejam confiados apenas a “peritos”, mas sejam uma atenção de toda a pastoral, da formação dos futuros sacerdotes e religiosos, do compromisso ordinário de todas as paróquias, dos movimentos e das agregações eclesiais* (p. 86).

Francisco faz a Igreja, oficial, repensar sua missão no mundo a partir de conceitos que ela mesma rejeitou. Tais como: opção preferencial pelos pobres; engajamento em questões sociais; despojamento dos privilégios clericais; centralidade na misericórdia e não da doutrina. Enfim, a *Igreja de saída* (a Igreja da misericórdia) traz consigo um projeto eclesiológico de inclusão e renovação de toda a Igreja em vista da missão. Oxalá que Francisco e seu projeto missionário consigam tirar a Igreja do sedentarismo e a coloque em constante estado de Missão. Uma Igreja a caminho de...

Edcarlos Isaías de Souza, mestrando
em Teologia da Missão.